

Journal
contato

BANDEIRANTE SÍMBOLO OU ENÍGMA

A extensão e a importância dos bandeirantes taubateanos marginalizados pelas cortes colonial e imperial, antes de serem alçados como símbolos do empreendedorismo paulista na primeira metade do século passado

Patrocínio:

CIESP

Taubaté

SENAI

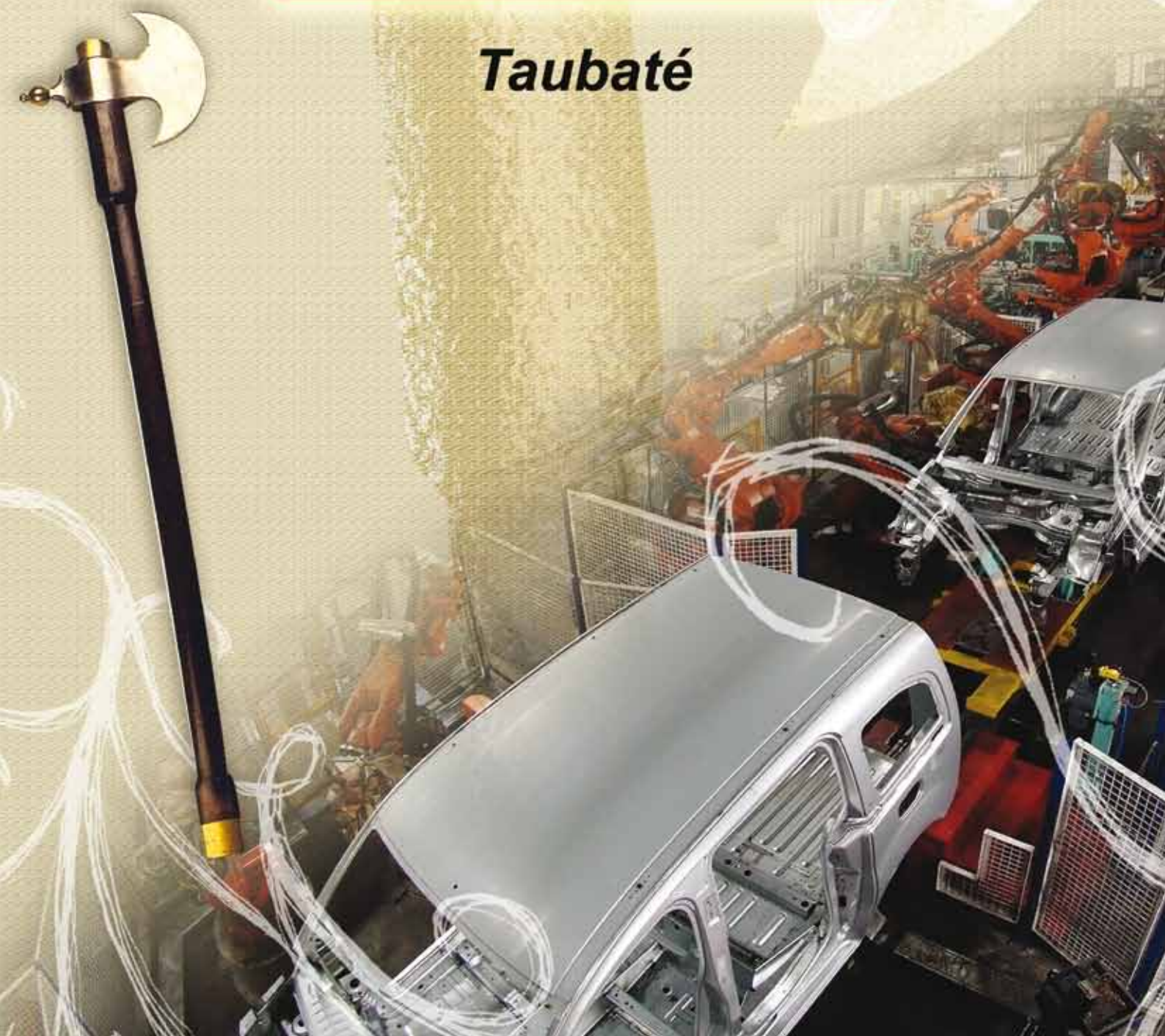
SESI



*Parabéns Taubaté,
berço do progresso regional,
pelos seus 365 anos*

CIESP

Taubaté





APRESENTAÇÃO

O Arquivo Histórico Municipal da terra de Lobato é uma pedra preciosa ainda em estado bruto. Infelizmente, faltam ourives para esculpir e revelar toda a riqueza que ainda se esconde em documentos inéditos sobre a história do período que se estende desde o século 17 até o final do século passado.

A guardiã dessa riqueza é a paleógrafa Lia Carolina Prado Alves Mariotto. Ela manuseia os papéis centenários com o cuidado e a delicadeza de uma mãe em relação ao filho recém-nascido. Uma conversa com Lia exige tempo, pelo menos para quem tiver algum interesse sobre a história ainda não revelada de nossos antepassados.

A parceria de CONTATO com a equipe do Almanaque Urupês, que detém o maior acervo histórico de Taubaté na Internet, conseguiu atrair Lia para este projeto que lança um olhar diferenciado sobre o bandeirante que daqui partiu em busca de riquezas e aventuras. Não cabe a nós julgar os métodos empregados por esses desbravadores, condenados por parte de estudiosos. Nem tampouco a figura idealizada do bandeirante, que não passaria de uma manobra da elite paulista; na disputa de poder no final do Império e nas primeiras décadas da República, o bandeirante teria sido elevado a um símbolo capaz de unir a valentia e a coragem com o espírito empreendedor paulista.

Nosso objetivo é homenagear Taubaté pelo 365º aniversário com um presente que poderá despertar a curiosidade de especialistas e leigos na trajetória de nossos ancestrais. Esperamos, também, retribuir aos patrocinadores que acreditam na qualidade do trabalho profissional da equipe do Jornal CONTATO.

NATAL PREMIADO

Taubaté Shopping



CONCORRA A UM
PAJERO TR4
R\$ 200* = 1 CUPOM
COM VISA = 3 VEZES MAIS CUPONS

Apoio:
VISA **Virage**
a maneira certa agir

**TAUBATÉ
SHOPPING**
www.taubateshopping.com.br

BÁRBAROS PATRONOS

TAUBATEANOS NAS MINAS DE OURO

Em meados do século 17, a coroa espanhola se enriqueceu com o ouro saqueado dos povos pré-colombianos formados por maias, astecas, incas e chibchas.

No quinhão que lhe cabia no continente, porém, Portugal não tinha encontrado nada melhor que a madeira do pau-brasil. Essa situação perdurou até a volta do paulista Antônio Arzão à vila de São Francisco das Chagas de Taubaté.

Ele regressava de uma frustrante viagem iniciada anos antes para caçar índios na região que viria a ser Minas Gerais. Nessa empreitada ele encontrou ouro, 10 gramas. Porém, levou uma surra dos índios e, com muita dificuldade, conseguiu chegar maltrapilho ao Espírito Santo. E não conseguiu financiamento para outras expedições.

 Toscana

Há 43 anos prestigia o desenvolvimento de Taubaté



O DESTINO DOS FUNDADORES

A SORTE E O INFORTÚNIO DE ALGUNS BANDEIRANTES TAUBATEANOS NAS MINAS GERAIS

Foi esse impasse que o fez regressar para a vila de Taubaté, lugar de onde havia partido. Arzão chegou ferido e abalado. Não queria prosseguir nos "negócios do sertão". Resolveu, todavia, fazer um mapa para o cunhado Bartolomeu Bueno de Siqueira, que se encontrava foragido na vila depois de perder toda a herança no jogo de cartas. Estava endividado.

O resultado desse episódio chegou às mãos do rei de Portugal, em 1695, quase 200 anos depois que um índio despertou a cobiça dos portugueses quando, ao ver o colar de ouro de Pedro Alvares Cabral, apontou para uma montanha. Foi assim que, finalmente, os portugueses encontraram as sonhadas minas de ouro no Brasil. E, desse modo, essa data marcou o início da colonização oficial de Minas Gerais.

Expedições paulistas já haviam se deparado com pepitas de ouro há mais de 20 anos. Documentos pouco conhecidos registram que os moradores vindos de Taubaté viviam naquela região há tempos. Alguns taubateanos encontraram o infortúnio nas minas, como os casos de João de Siqueira Afonso e Tomé Portes Del Rey que ali morreram assassinados. Diante dessas constatações, é possível afirmar que só o rei não sabia onde o ouro adormecia.

No ano de 1700, Tomé havia enriquecido como comerciante no sítio que fundou na região da futura São João Del Rei. Ganhou muito dinheiro nos negócios e cargos de confiança no governo. Foi assassinado num levante pelos próprios escravos, em 1702, provavelmente. João Afonso já era um homem de negócios bem sucedido em Taubaté quando se aventurou como minerador. Contam que ele era querido na região e um especialista em plantas medicinais, "um muito competente curandeiro".

Em 1709 paulistas e reinóis se desentenderam. Não houve acordo a respeito de quem seria a autoridade com poder sobre as minas da região do Campo dos Cataguás. O conflito se agravou e transformou-se em um confronto armado que ficou conhecido como Guerra dos Emboabas. Há fortes indícios de que, terminado o conflito, Afonso foi vítima da perseguição desencadeada contra os paulistas. Foi preso e morreu doente na prisão.

Entre os taubateanos bem sucedidos na corrida do ouro, destaca-se Salvador Fernandes Furtado de Mendonça. Ele descobriu ouro em Ribeirão do Carmo e acabou sendo considerado o fundador da própria Minas Gerais. O reconhecimento só ocorreu no século XX, com uma deferência: o povoado que ele fundou foi considerado a primeira cidade de Minas Gerais, hoje Mariana.

Quem se deu bem

Salvador Fernandes Furtado Mendonça

Fundou o arraial do Ribeirão do Carmo em 16 de julho de 1696, data oficial da fundação da hoje cidade de Mariana, a primeira de Minas Gerais. Anualmente, na mesma data, a capital do estado é transferida simbolicamente para Mariana.

João de Siqueira Afonso

Foi um dos primeiros descobridores de ouro no Ribeirão do Carmo, na parte do Sumidouro e ainda no rio Guarapiranga. Contam que ele teria sido um dos fundadores do arraial do Guarapiranga que, mais tarde, viraria a cidade de Piranga.

Antônio Dias de Oliveira

Fundou o arraial que levou o seu nome e que hoje é um dos bairros de Ouro Preto. Na época, a antiga povoação era constituída por arraiais que foram sendo engolidos pelos dois principais, o de Antônio Dias e o de Ouro Preto. Fundou ainda outra cidade que foi batizada com seu nome.

Quem se deu mal

Tomé Portes Del Rey

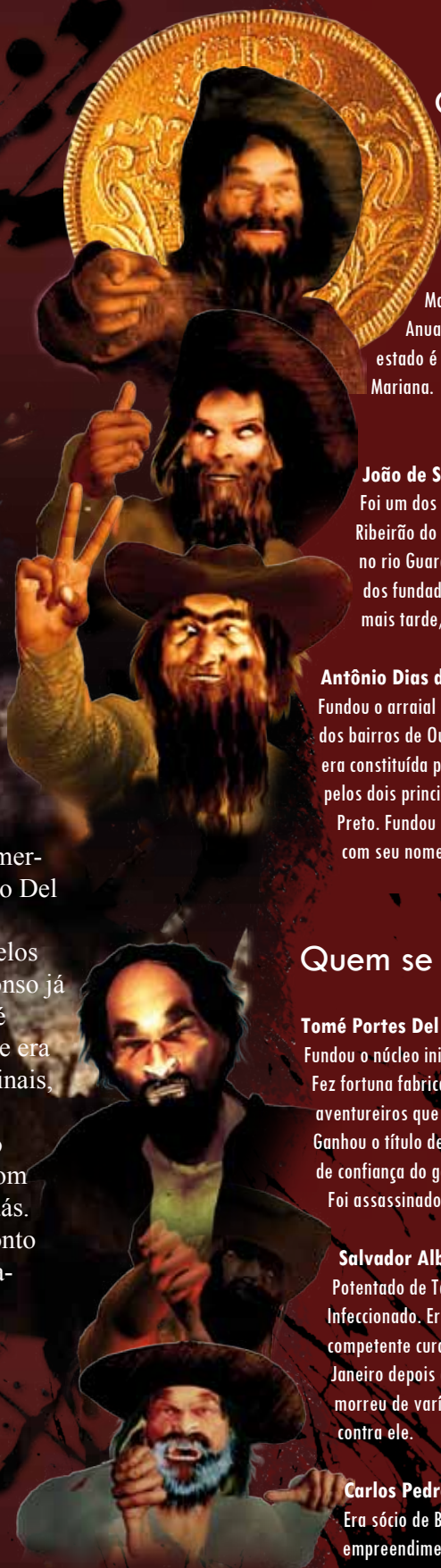
Fundou o núcleo inicial da região de São João Del Rei. Fez fortuna fabricando mantimentos para vender aos aventureiros que iam ou vinham das minas. Ganhou o título de Guarda-Mor, dado somente a homens de confiança do governo português. Foi assassinado pelos próprios escravos.

Salvador Albernaz

Potentado de Taubaté que descobriu ouro no rio Inficionado. Era conhecido na região como competente curandeiro. Foi preso e remetido ao Rio de Janeiro depois da Guerra dos Emboabas. Na prisão, morreu de varíola. Não se sabe qual era a acusação contra ele.

Carlos Pedroso da Silveira

Era sócio de Bartolomeu Bueno de Siqueira no empreendimento que resultou na revelação oficial da existência de ouro nas Minas de Taubaté. Tornou-se homem de confiança da corte. Foi provedor da Casa de Fundição de Taubaté e procurador da Coroa. Quando a casa de fundição foi transferida para Parati ele foi junto. Era tido como dedicadíssimo e leal à Coroa e perseguidor implacável dos sonegadores. Acabou assassinado numa emboscada em Taubaté.



ESCRITA BANDEIRANTE

Taubaté possui um dos mais importantes acervos documentais do Brasil a respeito desse período, reconhecido e avalizado pelas maiores instituições brasileiras de pesquisa histórica. Desde 1986, a pessoa responsável por decifrar os mais antigos documentos valeparaibanos é a paleógrafa Lia Carolina Prado Alves Mariotto. Lia está familiarizada com esse tesouro histórico que conhece há muito tempo. Em 1968, ela ainda era estudante quando participou da primeira organização do conjunto de documentos que Maria Morgado de Abreu e José Claudio da Silva “herdaram” de Felix Guisard Filho. Os documentos foram restaurados pela Universidade de São Paulo e formam o núcleo inicial do Arquivo Municipal Felix Guisard Filho. Lia Carolina é a servidora municipal responsável por subsidiar algumas das mais recentes pesquisas históricas sobre o período colonial brasileiro. Muita coisa nova surgiu ali. E se o tema for bandeirismo, o acervo taubateano torna-se parada obrigatória para quem quiser pesquisá-lo. Quem prova isso ao leitor do Jornal Contato é a própria Lia Carolina contando dois fatos ainda inéditos na página seguinte.



PALEOGRAFIA TAUBATEANA EM QUATRO TEMPOS

1968



JOSÉ CLAUDIO DA SILVA, LIA CAROLINA, ANA DI LORENZO E MARIA MORGADO ORGANIZAM O ACERVO HERDADO DE FELIX GUI SAR D FILHO

1970



O ACERVO É ENVIADO PARA A UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. ANA E LIA OBTEM ESTAGIO DURANTE O PROCESSO DE RESTAURAÇÃO .

1986



SOB ORIENTAÇÃO DE PAULO CAMILHER FLORENÇANO, A PREFEITURA DE TAUBATÉ CONTRATA A PALEÓGRAFA LIA CAROLINA MARIOTTO.

Anos 2000



NO BRASIL, INTENSIFICAM-SE OS ESTUDOS SOBRE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA. O ACERVO DO ARQUIVO MUNICIPAL TORNA-SE REFERÊNCIA NACIONAL.

BRAINSTORM

SE FÓSSEMOS MÚSICOS
SERÍAMOS UMA ORQUESTRA;

→ DESIGNERS/JORNALISTAS

COMO SOMOS PUBLICITÁRIOS
SOMOS MAX PROPAGANDA.

MAX
PROPAGANDA

A agência de propaganda
focada nos resultados da sua empresa.



atendimento@maxpropaganda.com.br | (12) 3413-0515 | www.maxpropaganda.com.br

CAUSOS HISTÓRICOS

Lia Carolina Prado Alves Mariotto conta duas pequenas histórias garimpadas e selecionadas no arquivo Histórico. "Dignidade da Mulher" e "Pedra de curar mordedura de cobra", com grafia original.



DIGNIDADE DA MULHER

O senso comum mostra a mulher dos séculos 17, 18 e 19 como uma pessoa analfabeta. Por esse motivo, a mulher seria uma figura incapaz de qualquer atividade que não fosse cuidar do marido, da casa e dos filhos.

Caso fosse escrava, não teria vontade própria nem quaisquer direitos.

Leto engano!

Vários documentos recuperados e organizados pelo Arquivo Histórico Felix Guisard Filho desmontam esses estereótipos.

Para ilustrar, basta consultar uma carta de alforria feita a requerimento de Marcela, negra do gentio da terra.

O texto revela que no ano de 1698, Marcela apresentou ao Juiz das Alforrias da Vila de Taubaté uma petição requerendo o cumprimento do direito de liberdade concedido às escravas que tivessem relações carnis com seus senhores, conforme lei expressa no Livro Quinto das Ordenações do Reino. Uma vez que teve uma filha com seu senhor, exigia o exercício de sua liberdade apoiada pela jurisprudência citada. E assim, ela foi alforriada.



PEDRA DE CURAR MORDEDURA DE COBRA

Antes de surgir o soro antiofídico, uma mordida de cobra quase sempre era fatal.

Mas, mesmo diante de tantas dificuldades, o desbravador conseguia, com freqüência, uma maneira para driblar os grandes problemas surgidos com a presença de cobras nas vilas e, principalmente, nas roças e fazendas.

O Arquivo Histórico Felix Guisard Filho possui um Inventário em que, no arrolamento de bens do falecido, aparece como uma das maiores heranças deixadas aos familiares uma pedra que servia para curar "mordeduras de cobra".

Na verdade, não seria um objeto mineral propriamente dito, mas sim um chifre de veado existente na fauna brasileira que, depois de passar por um processo de combustão adquiriria a propriedade de curar mordidas de cobra.

O processo consistiria em envolver o pedaço de chifre em uma bola de barro que seria colocada no fogo para ser queimada. Enegrecida, a bola de barro só poderia ser aberta depois que esfriasse naturalmente, o que levava alguns dias.

Uma vez esfriada, a bola de barro poderia ser quebrada porque o pedaço de chifre teria adquirido as propriedades necessárias para absorver o veneno da cobra. Assim sendo, quando alguém fosse mordido por uma serpente a pedra era colocada em cima da mordida; imediatamente, ela aderiria ao corpo do paciente e só deveria ser tirada quando se soltasse espontaneamente.

Como a pedra ficava impregnada do veneno, sua limpeza exigia que fosse mergulhada em leite por um determinado tempo para que pudesse ser reutilizada.

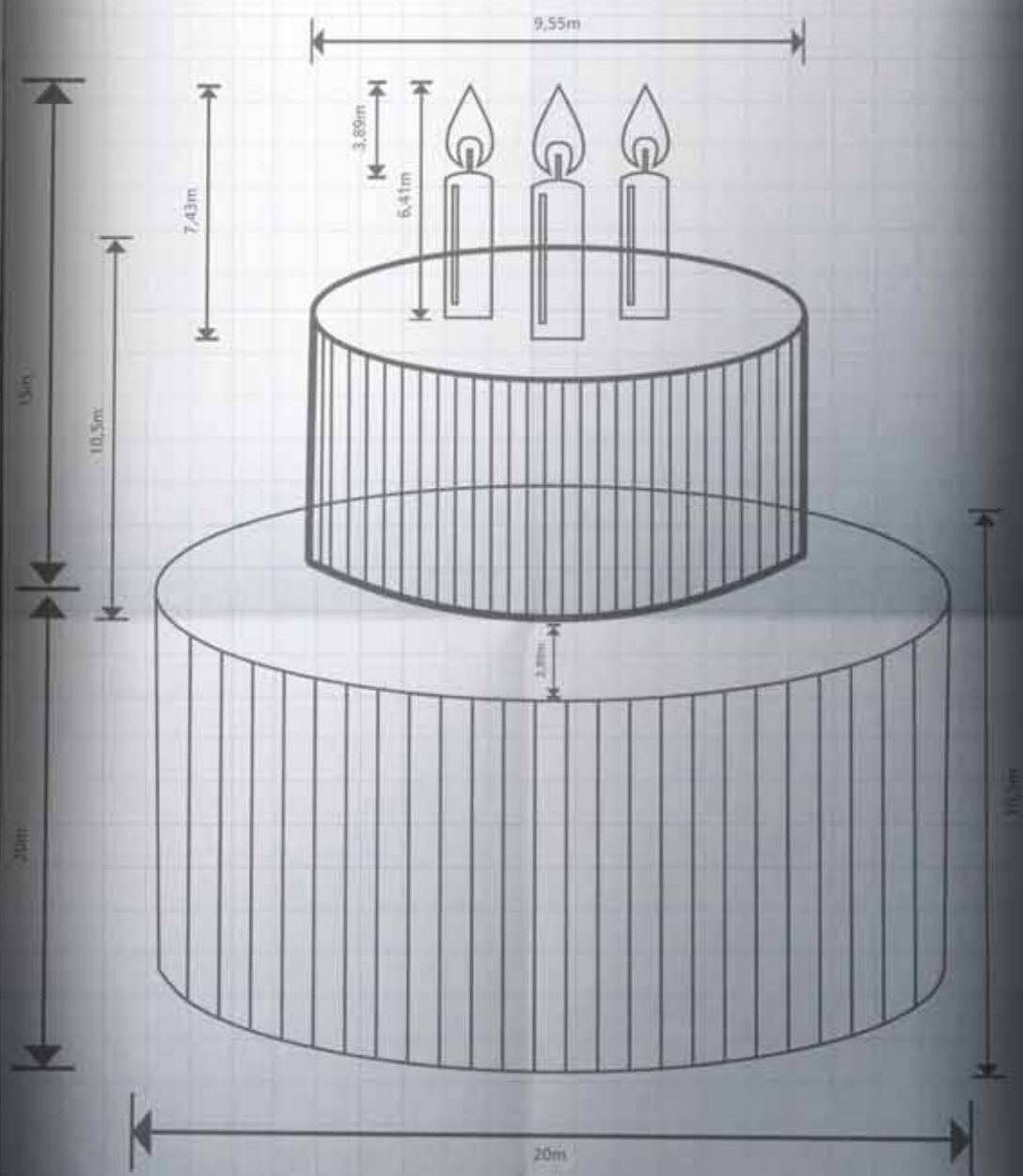
Em hipótese alguma esse serviço poderia ser cobrado. Ao mesmo tempo, a posse da pedra teria que seguir a linhagem masculina da família.



viapol

**A Viapol tem o prazer de
compartilhar a alegria do 365º
aniversário de Taubaté, e estará
sempre presente nos
365 dias do ano !**

Parabéns, Taubaté, pelos seus 365 anos.



Uma homenagem



A construtora parceira

www.pinesevieira.com.br





Taubaté

365

anos
1645-2010

*photo Sera
Taubaté*



*Parabéns Taubaté pelos
seus 365 anos de história
pioneira, dos bandeirantes
à moderna indústria*

SENAI



UM REPÓRTER NAS BANDEIRAS

Designado pelo rei Dom João V para confeccionar mapas da costa e do interior, o padre jesuíta Diogo Soares chegou ao Brasil em 1729. Com um faro de perdigueiro, o religioso entrevistou diligentemente os bandeirantes e reuniu uma valiosa coleção de relatos de viajantes sobre o interior do Brasil, à qual deu o título de Notícias Práticas. O testemunho do bandeirante José Peixoto da Silva Braga, praticamente o único que chegou aos dias atuais entre as centenas de expedições realizadas pelos paulistas, dá uma idéia das dificuldades enfrentadas por elas.

Depois de quinze dias de sofrimento, sobe e desce de serras, finalmente os esfarrapados bandeirantes encontram uma aldeia indígena: “Avistamos as rancharias do Gentio, e seus fogos: emboscamos-nos no mato para lhes darmos na madrugada, mas sendo sentidos dos cachorros, que tinham muitos e bons, quando os avançamos, nos recebemos com arcos e flechas. Não demos um só tiro por ordem do Cabo com tal ânimo, que lançando-lhe a mão à rédea do cavalo lhe tirou a espingarda da mão, e da cinta o terçado, e dando-lhe com ela um famoso golpe em um dos ombros, e outro no braço esquerdo, fugiu levando-lhe consigo armas.

Nesta mesma ocasião, outro Tapuia em uma de

suas portas feriu levemente no peito com uma flecha a um Francisco de Carvalho de Lordello, e acudindo outro lhe deu na cabeça com um porrete de que caiu logo, caindo-lhe outra porretada outro Tapuia, que apareceu de novo, deixando-o já morto. Foi Deus servido levarmos os ranchos chovendo sobre nós flechas e os porretes.

Retiraram-se para o mato os Tapuias, mas sem nunca nos perderem de vista, e tanto, que querendo darmos sepultura ao Carvalho, persuadidos a que estaria morto, procuraram em duas avançadas que nos deram, o tirá-lo e comê-lo, e vendo-se rebatidos nos pediram por acenos que lhes déssemos ao menos a metade para o comerem, por ser diversa a língua local”.



**Um novo ano, uma nova marca,
uma nova indústria.**

Para que esse desejo se torne realidade, estamos nos transformando no maior Parque Gráfico da Região, com maior capacidade e uma nova marca. É só pedir, nós temos o que sua empresa precisa. Multiplique seus desejos para que 2011 seja repleto de novidades.

E você? O que quer para esse novo ano?

www.resolucaografica.com.br



Berço de desbravadores
e celeiro de mentes privilegiadas,
há 365 anos o taubateano de nascimento
ou adotado constrói e participa
da construção histórica da nação

PARABÉNS TAUBATÉ!!!



RAÇA DE GIGANTES!

O empreendedorismo paulista não tinha espaço no poder emanado das cortes colonial e imperial

No século 19, enquanto o Brasil buscava encontrar sentido para a palavra *nação*, São Paulo ganhou importância econômica e política. De uma área periférica nos períodos colonial e imperial, a província passou, com a expansão cafeeira, a exercer papel central na economia do país. Frações da classe dominante paulista lutavam para alcançar um poder político que fosse proporcional a esse poder econômico. Uma árdua batalha!

Desde o ano de 1840, o Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro (IGHB), conduzia com sucesso um projeto de construção oficial do nosso passado. O primeiro eleito como símbolo do autêntico brasileiro foi o índio. Embora tenha sido uma interpretação alegórica, ela cumpriu seu papel. Nessa história, coube ao colono paulista, o futuro bandeirante, papel de ganancioso genocida da raça indígena. Essa interpretação prevaleceu por quase sessenta anos.

Foi nesse contexto que surgiu o salvador da moral paulista: "O Brasil e as colônias portuguesas", livro do autor português Joaquim Pedro Martins Almeida (1845-1894). Para Martins Almeida, haveria duas histó-

rias diferentes de Brasil: a do Norte, centrada nos canaviais de Pernambuco, opulenta, litorânea, dependente do escravo africano, e atrelada à metrópole; e a do Sul, baseada em São Paulo, livre e semi-independente, ocupando o interior do continente e desenvolvendo, segundo o autor, os germes da nação futura. Segundo essa interpretação, os colonos do Sul, com destaque para os paulistas, foram os principais artífices da futura nação. Era tudo o que os então ressentidos paulistas precisavam ler.

A proclamação da República fez com que a elite paulista deflagrasse um projeto para revitalizar sua própria imagem. Coube ao Instituto Geográfico e Histórico de São Paulo (IGHSP) criar, então, a história oficial de São Paulo. Na prática, era pura contrapropaganda. A figura do bandeirante foi o principal objeto das pesquisas historiográficas realizadas. Nas primeiras cinco décadas do século 20, o bandeirante emergiu associado de modo sistemático à idéia de superioridade econômica, política, geográfica e racial dos "paulistas". E a história do Brasil passaria a ser a História de São Paulo.

[anda] "como encartado (degredado), com gualteiras de rebuço (tanga), pés descalços e [com] arcos e flechas".

Padre Jacome Monteiro, em 1610, sobre o "look" dos bandeirantes

IMAGEM HISTÓRICA

APÓS A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA



A imagem do bandeirante com aspecto europeu foi construída em fins do século 19

ATÉ OS ANOS 1930



Mobilização de artistas para reproduzirem quadros, esculturas, livros e monumentos em homenagem aos bandeirantes. Os cofres públicos financiavam.

DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE 1932



O mito bandeirante foi massificado: as virtudes dos antigos desbravadores agora eram a herança de todos os paulistas.

DEPOIS DO 4º CENTENÁRIO DE SÃO PAULO



O bandeirismo tornou-se empreendedorismo. No imaginário brasileiro, o bandeirante emergiu como o patrono do desenvolvimento nacional.



IDENTIDADE TAUBATEANA

Felix Guisard Filho traduz em símbolo a unidade existente entre o bandeirante, a lavoura, a indústria e o comércio.

Em Taubaté, a disputa intelectual pela interpretação do passado tinha a sua versão local. As elites cafeeira e industrial confrontavam seus pontos de vista na imprensa local. Os industriais, de um lado classificavam os barões como retrógrados; enquanto que do outro lado, os barões do café acusavam os industriais de terem enriquecido através da exploração de seus empregados. Mas, como as divergências dos dois grupos estavam distantes de serem irreconciliáveis, eles acabariam assimilando um discurso que propiciava a formação de uma sólida aliança.

O livro "Pobreza e conflito: Taubaté, 1860-1935", de Maria Cristina Martínez Soto, conta que foi Felix Guisard Filho, em coordenação com Afonso Taunay e outros estudiosos do IGHSP, do qual fazia parte, quem estendeu a ponte da convergência. Ele aproveitou a onda ufanista em São Paulo e fixou sua atenção no tempo das bandeiras.

Na idealização bandeirista, cabia a Taubaté um lugar de honra como berço de bandeirantes. E, por extensão, esses valores acabaram se aplicando aos taubateanos.

O autor traçou uma linha reta que partia dos primeiros tempos até chegar à sua forma idealizada. Ao longo dessa trilha virtual, foi-se desenhando uma história épica marcada por grandes gestos repetidos em cada geração. O brasão de Taubaté, encomendado por Guisard, idealizado por Taunay e desenhado por Wash Rodrigues, por exemplo, sintetiza muito bem essa intenção. A história de "ciclos" mostrava que, depois de interrupções e antagonismos, os bandeirantes, o ouro, o café e, mais tarde, o comércio e a indústria estavam irmanados numa causa comum. Foi assim que os intelectuais taubateanos chegaram a um acordo sobre o seu passado. Uma interpretação tão sólida que fez com que a figura do paulista empreendedor perdurasse até hoje.

Dentinho, um bandeirante taubateano

José Demétrio da Silva não é historiador. É sim um respeitado artista. É dele a escultura bandeirante às margens da Dutra. O bandeirante de Demétrio não é uma obra histórica. É uma obra de arte. Na sua caracterização, respeita a idealização consagrada, de onde emerge a originalidade do artista.

Dentinho é o apelido carinhoso dado pelos amigos taubateanos ao cantor, compositor e músico Renato Teixeira. Ele serviu de modelo para o monumento ao Bandeirante esculpido por Demétrio como uma metáfora à estatura de Taubaté na cultura genuinamente cabocla: "Ele representa a figura do santo paulistinha,

que existia no século 18, início do século 19. Estou evocando nele uma plêiade de artistas populares de Taubaté. Ele está apontado para a imaculada; é o guardião dos figureiros da imaculada", conta José Demétrio. Ao respeitar a representação clássica do bandeirante paulista, o escultor homenageou gerações que dedicaram a vida à pesquisa e ao estudo da saga taubateana.

Dentinho, o bandeirante taubateano, ainda nos lembra uma verdade inquestionável: Taubaté é uma cidade antiga que tem muita história para contar e ainda ser contada, por ser uma terra de desbravadores.



Spell

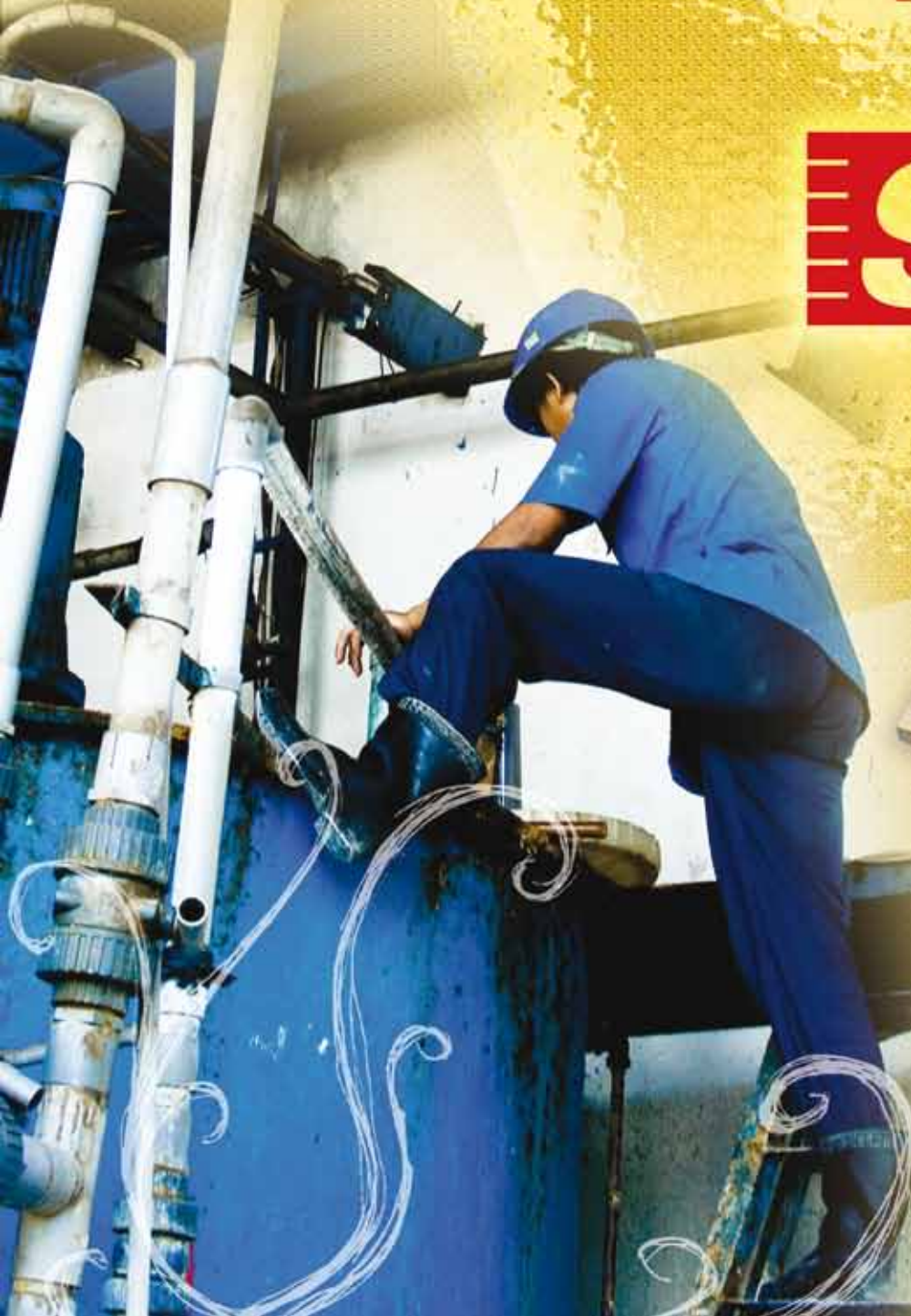
COMUNICAÇÃO VISUAL

Av. Charles Schneider, 102 Taubaté - SP (12) 3621 1800



*Parabéns Taubaté
que há 365 anos cria
e movimentava a riqueza
da indústria regional*

SESI





CÂMARA MUNICIPAL DE TAUBATÉ
ESTADO DE SÃO PAULO

365 ANOS

Em 365 anos de existência, a Câmara de Taubaté participou cotidianamente da história da cidade, seu progresso e suas personagens. Agora, é hora de contar essa história.

Na data histórica mais significativa de Taubaté, a Câmara Municipal está presente. Dia 5 de dezembro de 1645, quando o povoado foi elevado à categoria de Vila, surge a Casa de Leis, iniciando as atividades 26 dias depois.

Segundo a Constituição, as câmaras e os vereadores têm a função de legislar e fiscalizar, além de votar as proposições em plenário. A Câmara de Taubaté foi além das suas atribuições constitucionais e hoje é protagonista da história do município.

A contribuição da Câmara evoluiu por meio da comunicação, com a implantação da Assessoria de Imprensa em 1982, da TV Câmara em 2004 (a primeira TV legislativa do Vale) e do Memorial Histórico e Cultural em 2009 – com ênfase para os Conselhos Públicos da TV Câmara e do Memorial Histórico, pioneiros no país!

Vale registrar a criação do Espaço Cultural Georgina de Albuquerque em 2005, onde são acolhidas as diversas manifestações artísticas e culturais. É preciso citar também as “Atas da Câmara”, documentos para pesquisa de inegável valor histórico.

Com um olhar direto nos acontecimentos da cidade, os órgãos do Legislativo contribuem para a história de Taubaté e do seu povo.

A luta no presente é diária; mas é necessário preservar e compreender o passado. Só assim é possível contribuir para um futuro melhor a todos.



PARA SABER MAIS

As informações e reproduções dos textos que compõem este Encarte Especial podem ser encontradas nos seguintes livros:

HOLANDA, Sérgio Buarque. Caminhos e Fronteiras. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BUENO, Eduardo. Brasil: uma história. São Paulo: Leya, 2010.

ROMEIRO, Adriana. Paulistas e emboabas no coração das Minas. Minas Gerais: UFMG, 2008.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia da Memória, 1994.

BREFE, Ana Cláudia. O museu Paulista: Taunay e memória nacional. São Paulo: Unesp, 2005.

GUISARD FILHO, Félix. Nome, limites e brasões. São Paulo: Athena, 1939.

MACHADO, Alcântara. Vida e morte bandeirante. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1929.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Códice Costa Matoso. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999.

HEMMING, John. Ouro vermelho. A conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2008.

ANDRADE, Antonio Carlos de Argôllo; ABREU, Maria Morgado de. Taubaté através dos textos. Taubaté: Prefeitura Municipal, 1996.

Experimente os livros pelo [Googlebooks](#).

Na rede:

Revista da história da Biblioteca Nacional. Somos todos bandeirantes. Julho de 2008.

Revista da história da Biblioteca Nacional. Herói em construção. Julho de 2008

Revista da história da Biblioteca Nacional. Amor à terra. Outubro de 2010.

Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia, de Paulo César Garcez Marins

Fontes sobre a história do bandeirismo em Taubaté:

JACQUES FELIX, de Felix Guisard Filho
Influenciado por escritores do calibre de Afonso Taunay, Guisard escreveu o primeiro estudo taubateano sobre o fundador da cidade.

TAUBATÉ DE NÚCLEO IRRADIADOR DE BANDEIRISMO A CENTRO INDUSTRIAL E UNIVERSITÁRIO DO VALE DO PARAÍBA, de Maria Morgado de Abreu.

Um inspirador portal para quem quer começar a entender Taubaté.

SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE TAUBATÉ, de José Bernardo Ortiz.

Muita gente consulta a farta documentação transladada nos dois volumes da obra.

O BRASÃO DE TAUBATÉ, de Paulo Camilher Florençano

Explicação minuciosa sobre os símbolos oficiais do município.

Arquivo Municipal Felix Guisard Filho

Índice de imagens:

BÁRBAROS PATRONOS

Arte : Equipe Almanaque Urupês

UM REPÓRTER NAS BANDEIRAS

Arte : Equipe Almanaque Urupês

ESCRITA BANDEIRANTE:

Acervo pessoal Lia Carolina(fotos PB)

Acervo Almanaque Urupês

Acervo Jornal Contato

MONUMENTO AO BORBA GATO

creative commons

EXPOSIÇÃO BANDEIRAS E BANDEIRANTES: MITO E HISTÓRIA

Casa do Bandeirante

Pça. Monteiro Lobato, s/nº

Butantã - São Paulo - SP

1932 IMAGENS DE UMA REVOLUÇÃO, de Marcos Antonio Villa

DOMINGOS JORGE VELHO E O LOCO-TENENTE ANTÔNIO FERNANDES DE ABREU, 1903, Acervo do Museu Paulista da USP, São Paulo.



Parabéns Taubaté pelos
365 anos
de uma rica história.

Tremembé
Química que nos une.

www.tiq.com.br



ALMANAQUE
URUPÊS.COM

HÁ OITO ANOS FAZENDO PARTE
DA HISTÓRIA DE TAUBATÉ